

## FOUCAULT E NIETZSCHE: VIDA E PODER

### FOUCAULT AND NIETZSCHE: LIFE AND POWER

Francisco de Assis Silva Neto<sup>1</sup>

<https://orcid.org/0000-0003-2452-7723>

Solange Aparecida de Campos Costa<sup>2</sup>

<https://orcid.org/0000-0003-2185-7858>

**Resumo:** A presente proposta investigativa, terá como escopo teórico principal a relação entre duas propostas filosóficas, a saber, a do filósofo francês, Michel Foucault (1926-1984) e do filósofo alemão, Friedrich Nietzsche (1844-1900) e as suas respectivas compreensões para o termo *poder*. Buscar-se-á demonstrar a princípio e de modo panorâmico o modo como a filosofia nietzschiana concebeu a ideia de poder, partindo de relações de forças que permeiam a vida; nos moldes de sua *vontade de poder* e suas implicações, especialmente no corpo e na vida dos indivíduos. Em relação a isso, no segundo momento, demonstrar o modo como Michel Foucault compreende a noção de poder como micro relações, em algumas de suas estruturas de concepção teóricas, sempre em relação direta com a sociedade, esta, convertendo-se em poder disciplinar e *biopoder*. Buscaremos empreender tal investigação sempre correlacionando ambos os filósofos, visando demonstrar a relação de proximidade teórica entre ambos, tanto quanto suas antípodas conceituais.

**Palavras-chave:** Poder. *Biopoder*. Sociedade. Relação.

**Abstract:** The present investigative proposal will have as main theoretical scope the relationship between two philosophical proposals, namely, that of the French philosopher, Michel Foucault (1926-1984) and the German philosopher, Friedrich Nietzsche (1844-1900) and their respective understandings for the term *power*. We will seek to demonstrate in principle and in a panoramic way the way in which nietzschean philosophy conceived the idea of power, starting from relations of forces that permeate life; along the lines of its *will to power* and its implications, especially in the body and in the lives of individuals. In relation to this, in the second moment, to demonstrate the way in which Michel Foucault understands the notion of power as micro relations, in some of its theoretical conception structures, always in direct relation with society, which is becoming disciplinary and *biopower*. We will endeavor to undertake such an investigation always correlating both philosophers, aiming to demonstrate the relationship of theoretical proximity between both, as much as their conceptual antipodes.

**Keywords:** Power. *Biopower*. Society. Relationship.

---

<sup>1</sup>Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí- UFPI/Teresina-Piauí, Brasil. E-mail: [chiconeto1910@hotmail.com](mailto:chiconeto1910@hotmail.com). ID Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4527394151370502>. ORCID:

<sup>2</sup> Doutora em Filosofia. Professora Adjunto III da Universidade Estadual do Piauí-UESPI/ Parnaíba- PI. E-mail: [solange@phb.uespi.br](mailto:solange@phb.uespi.br). ID Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8311834326963041>. ORCID:

## Introdução

O que buscaremos demonstrar nessa proposta investigativa é a concepção particular da noção de poder em dois filósofos distintos, a saber, Michel Foucault e Friedrich Nietzsche. É notório que as filosofias de ambos comungam dessa temática em comum, por abordagens diferentes, entretanto não inconciliáveis. Elegemos como ponto fulcral dessa pesquisa a noção supramencionada em ambos os pensadores, não meramente de forma arbitrária, mas pelo histórico da relação de influência do pensamento de Nietzsche sobre Foucault, na qual o próprio filósofo francês se propôs como um leitor do filósofo alemão.

Entretanto, o que buscaremos demonstrar irá além de anedotas filosóficas ou de qualquer suposta hierarquia de posturas teóricas. Não temos por intuito conceitual estabelecer qualquer juízo de gosto ou de valor acerca de ambas as constituições filosóficas, sob pena de cair em divagações e/ou precipitações teóricas.

É importante ressaltar que tanto em Foucault, quanto em Nietzsche, existe uma pluralidade de posturas quanto ao termo poder ao longo da produção de suas obras. Todavia, por não podermos abarcar esse processo evolutivo conceitual, elegeremos e abordaremos a postura mais difundida em Foucault e a mais madura em Nietzsche, visando uma maior precisão teórica.

É notória a atenção que a proposta nietzschiana deu a ideia de poder, estruturando-se em sua filosofia nos moldes do que chamou de *vontade de poder*<sup>3</sup>. Que se mostra como constituinte basilar não só de sua filosofia, mas da própria concepção de vida para o autor. O que será apresentado acerca do modo como Nietzsche desenvolveu a ideia de poder, servirá como prelúdio para compreender a concepção de Foucault que será posteriormente apresentada.

Dito isto, o desenvolvimento do ponto acerca da postura nietzschiana, tenderá a ser introdutório e apresentado de modo panorâmico. O que pretendemos evidenciar e especular é o expandir de horizontes que a postura de Nietzsche pode ter fornecido ao trabalho foucaultiano, no que tange ao debruçar-se nas questões e implicações da relação poder e vida e como estas, por sua vez, abarcam o sujeito. Componentes abundantes em ambas as posturas teóricas.

Logo, a postura nietzschiana a ser apresentada, visa estar em consonância com o pensamento do filósofo francês, de modo a ambas as posturas confluírem para o pano de fundo

---

<sup>3</sup> Optamos por essa tradução em detrimento de outras possíveis, visando estar em consonância com as traduções das obras que serão utilizadas para compor a bibliografia dessa pesquisa.

que esta pesquisa propõe se debruçar, a saber, os tópicos relacionados a concepção de poder, mais precisamente nos mecanismos plásticos e adaptáveis dessa instância social.

Teremos por intuito conceitual, apontar como o filósofo francês concebe o poder, não mais como vontade<sup>4</sup> ou instância, mas nos moldes de micro relações que compõem um todo, que Foucault irá apresentar na *Microfísica do poder* (1978). Parte tida como inicial de suas posturas<sup>5</sup> filosóficas. Buscaremos expor de modo panorâmico, tendo por intuito tornar mais fecunda a parte posterior de sua obra, que será o que de fato pretendemos nos apropriar e elucidar,

Sob um exame atento da contemporaneidade vivenciada pelo filósofo, essa organização micro, anteriormente citada, transmuta-se no âmago da sociedade de controle, dando origem a outro conceito, chamado de *biopoder*, determinante no corpo teórico do autor e nas questões que aqui serão posteriormente expostas.

A questão do poder em Foucault, apresenta-se com variações que devem ser previamente apresentadas. Além do *biopoder*, o poder disciplinar que também ocupa o filósofo em grande parte de sua produção deve ser devidamente apresentado. Logo, propomos fragmentar didaticamente esses pontos, de modo a favorecer sua compreensão. Doravante, buscar-se-á tecer aproximações entre os constituintes teóricos de tais termos para o filósofo. Sendo este, o objetivo cabal dessa pesquisa.

## 1. Nietzsche, poder e moral

Antes de mergulhar de fato no conceito de *vontade de poder* é preciso compreender que a proposta do autor é de investigação das construções valorativas, ou seja, ele investiga a moral e a verdade de um ponto de partida genealógico, e sobre esse fundo conceitual fundamenta sua crítica e constrói sua tese. Nietzsche surge como um autor dos labirintos e para se compreender um conceito de maneira isolada, faz-se necessário uma prévia compreensão da constituição em teia de suas próprias propostas. Existe uma raiz interpretativa para a questão do poder no corpo teórico nietzschiano, que por sua vez, passa pelo crivo conceitual do método genealógico, em posse de um objetivo específico. Como propôs Nietzsche

---

<sup>4</sup> Quanto as questões oriundas da vontade, resolvemos não nos ater ou expandir noções como a influência do pensamento schopenhauriano na postura de Nietzsche. Propondo que tal inserção teórica não teria a acrescentar na presente pesquisa. Todavia, expomos que a mesma não foi negligenciada.

<sup>5</sup> Comumente pesquisadores do pensamento de Foucault, costumam atribuir as questões do poder ao segundo domínio, denominado de genealogia do poder. Todavia, aqui especulamos uma abordagem menos ortodoxa e o concebemos como permeando por todo o corpo teórico do autor.

Na minha Genealogia da Moral apresentei, pela primeira vez, psicologicamente, a idéia de contraste entre uma moral nobre e uma moral de *ressentiment*, a última nascida do “não” respeito da primeira: é a moral judaico-cristã <sup>6</sup>por inteiro. Para poder dizer “não” em resposta a tudo o que representa o movimento ascendente da vida, o bem nascido, o poder, a beleza, a afirmação de si sobre a terra... (NIETZSCHE, 2010, p.37)

Desse modo, o que se segue como proposta de entendimento é o método genealógico como investida conceitual no sentido de buscar unir e analisar posturas individuais de seres sociais por um viés histórico. Tendo em vista que o poder que será apresentado por Nietzsche, está na natureza e na vida, todavia existe em abundância nos sujeitos e no modo como estes se relacionam. Acerca dessa seara interpretativa, propomos seguir discorrendo sobre o poder.

A *vontade de poder* em Nietzsche, pode ser compreendida como expoente, um estopim para algo inovador que estava a ser apresentado pelo filósofo. O novo modo de filosofar proposto tem como fio condutor o corpo<sup>7</sup>, assim, uma nova autonomia filosófica para o mesmo nasce com esse autor. Não somente configura-se um resgate de perspectivas, mas com um exame mais atento, surge a criação de uma nova postura filosófica. Nas palavras de Barrenechea

Nesse viés interpretativo, Nietzsche exalta categoricamente o valor do corpo, sustentando sua primazia vital- o corpo representa nossa “possessão mais verdadeira” e nosso “ser mais seguro”- e cognosciva: o corpo é o guia mais eficaz para a compreensão de todas as questões filosóficas. (BARRENECHEA, 2017, p.47)

O filósofo valoriza o corpo como elemento mais fundamental do homem, como constituição de sua própria existência e ponte mais próxima para qualquer indagação filosófica. Para se analisar de forma mais detalhada a proposta nietzschiana, se faz necessário relacioná-la com as perspectivas e a forma própria de constituição do pensamento do autor, que rompe drasticamente com o modo de pensar tradicional. A inversão valorativa proposta por Nietzsche representa um rompimento abissal com o modo de ser e de pensar construído, em especial, pela moral cristã. Segundo Roberto Machado: “É por isso que contra o enfraquecimento do homem, contra a transformação de fortes em fracos- tema constante da filosofia nietzschiana- é necessário assumir uma perspectiva além de bem e mal, isto é, “além da moral<sup>8</sup>”. (MACHADO, 1999, p.68)

---

<sup>6</sup> Michel Foucault (1998), irá chamar essa influência de poder pastoral.

<sup>7</sup> Propomos conjecturar que arelevância dada por Foucault as questões oriundas do corpo como instância da filosofia, podem ser oriundas da sua sagaz interpretação da filosofia Nietzsche. A postura foucaultiana entretanto, o eleva para um status interpretativo novo que nos dispomos a apresentar posteriormente.

<sup>8</sup> Nossa teoria é pensar a moral gregária em relação direta com o ideal da sociedade de controle.

Deste modo, a proposição nietzschiana parte do indivíduo regido pelo que o filósofo classifica como moral dos mestres, os *aristoi*<sup>9</sup>, o tipo superior de homem, pautado em uma valoração pensada para elevar esses indivíduos, não de modo ideal, mas de modo prático, de modo humano, de forma a valorizar a sua própria existência. Nietzsche, evidencia a distância dessa postura de uma moral, concebendo-a como uma ética valorativa. Nas palavras de Roberto Machado, “Como se Nietzsche julgasse a moral a partir da ética.” (MACHADO, 1999, p.62)

No entanto, será a moral antinatural<sup>10</sup> e excludente que se perpetuará, em contraposição, a verdadeira força, provinda da própria vida. A *vontade de poder* é posta na filosofia nietzschiana com um caráter determinante, pois é fruto de sua própria natureza, seu instinto mais vital. Como propôs Nietzsche

Abster-se reciprocamente de toda ofensa, da violência, do desfrute, equipar a própria vontade à de outro; isso pode passar, a grosso modo, por um bom uso entre indivíduos, quando se interpõe certas condições. Mas se se desprezarem estas condições iniciais e se tomassem aqueles princípios como condições básicas de uma sociedade, isto se revelaria rapidamente aquilo que é na verdade, vontade de negação da vida, como princípio de dissolução e decadência. (NIETZSCHE, 2001, p.195)

Desse modo, o autor nos propõem que se negar a exercer o poder da vida, ou cede-lo a outrem por receio do embate, seria atentar contra a própria liberdade e a sua íntima constituição como indivíduo social. Ou seja, para Nietzsche, poder é essencialmente um jogo, conflito de vontades opostas. Nesse ponto aproximamos Foucault e as micro relações de poder da sociedade de controle.

Todavia, para a filosofia nietzschiana, essa sociedade de controle das massas, surge nos moldes do que o filósofo irá chamar de moral gregária. No sentido de uma valoração específica, pertencente a um período histórico específico, que acabou se alastrando e perpetuando-se na sociedade vivenciada por Nietzsche, todavia não adequando-se somente a ela. Segundo Roberto Machado

Há, portanto, entre a moral cristã e a ética aristocrática conflito e vitória; vitória parcial da moral que transformou o “homem-fera” em animal doméstico, uma ave de rapina em cordeiro. Metáforas estas que evidenciam duas coisas: que a análise não é só global, caracterizando povos e grandes períodos, mas também molecular no sentido de privilegiar tipos individuais. (MACHADO, 1999, p.62)

---

<sup>9</sup> Nietzsche se utiliza dessa nomenclatura para fazer referência aos nobres guerreiros da Grécia antiga.

<sup>10</sup> Especulamos que a moral anti-natural, surgirá nas proposições de Foucault, de modo reinterpretado, nos moldes do que o autor chama de dispositivos de controle, não somente dos corpos, mas da própria vida dos indivíduos. Essa moral deixa de ser um estatuto filosófico e passa a ser uma característica de coerção do estado contemporâneo. Nesse sentido, propomos como equivalente teórico da moral pensada por Nietzsche.

A aproximação<sup>11</sup> que visamos tecer como ponto alto dessa parte da pesquisa é um exercício de reflexão acerca do que foi posto sobre a vontade de poder para Nietzsche como expoente e constituinte dos sujeitos. Em seguida como o abrir mão desse exercer de poder, culminaria em uma moral gregária<sup>12</sup>. Dominação é a chave de compreensão da questão. Uma vez que a moral gregária é aqui apresentada como ferramenta de controle e propomos que seja pensada como um poder disciplinar.

O que foi exposto anteriormente acerca das proposições nietzschianas da moral e do poder, tem como peça chave para a compreensão, os sujeitos. Nossa amarra conceitual é pensar como o abrir mão da vida como vontade de potência recai em uma moral gregária, portando, sujeição individual. E posteriormente, de como Foucault interpreta essa sujeição, alterando peças e modificando estruturas. Trazendo para o debate as instituições que serão responsáveis por essa nova moral social que será imposta aos indivíduos nos moldes de sua disciplina.

Foucault abandona a contenda que Nietzsche havia abraçado, ao pensar que a moral cristã era a principal influenciadora na coerção dos indivíduos por criar uma moral anti-natural. Para o francês, esse lugar é ocupado pelas instituições do estado e seu exercer de poder por dominação. Dito isto, propomos nos debruçar acerca da postura de Foucault, com o intuito de desenvolver a questão posta.

## 1.2. O poder no obedecer

Posteriormente abordaremos dois tipos de poder em Foucault, o poder disciplinar e o *biopoder*, ambos relacionados a docilidade dos corpos e a sujeição dos indivíduos frente a ferramentas de imposição e adestramento do estado. Visando já clarear o motivo dessa inclinação servil, propomos elucidar brevemente como Nietzsche aponta essa questão: “Mas, onde encontrei seres vivos, ouvi falar de obediência, tudo que vive obedece.” (NIETZSCHE, 2018, p.109)

Nietzsche está nos alertando acerca da própria constituição social, que toda forma de vida obedece a outrem, portanto o poder e as relações são algo dado enquanto uma ocorrência no mundo, que não foi puramente criada, mas é intrinsecamente ligada ao próprio viver. O autor

---

<sup>11</sup> Optamos por uma descrição mais genérica e geral da vontade de poder, buscar abarcar os aspectos mais amplos de sua estrutura teórica, aproximando a compreensão que Foucault irá tecer.

<sup>12</sup> Nietzsche se utiliza dessa nomenclatura para designar o corpo de sujeitos desprovidos de autonomia de escolha ou de conduta, por influência de um conjunto valorativo exterior a ele, no caso específico a moralidade pensada a partir do cristianismo.

nos indaga: “Mas como acontece isso? perguntei a mim mesmo. O que persuade o vivente a obedecer, ordenar e, ordenando, também exercer obediência?” (NIETZSCHE, 2018, p.110)

Tal indagação irá aparecer fortemente na filosofia foucaultiana ao pensar as ferramentas disciplinadoras. Nietzsche nos dá brevemente o indicativo da proposta de resolução: “E, tal como o menor se entrega ao maior, para que tenha prazer e poder com o pequeniníssimo, assim também o maior de todos se entrega e põe em jogo, pelo poder – a vida mesma.” (NIETZSCHE, 2018, p.110). Ou seja, vida é poder e poder é jogo de forças.

Acerca das proposições e entendimento nietzschiano no que tange a articulação do poder, propomos nos debruçar no restante dessa pesquisa, sobre o modo como Foucault compreendeu tal instância. Sem um rompimento total do que foi inicialmente pensado por Nietzsche, a saber, o poder como jogo de forças.

## **2. Foucault e a concepção de poder**

Antes de quaisquer abordagens e reflexões acerca do poder para Foucault, faz-se necessário uma conceituação prévia do modo de concepção do mesmo para o filósofo, ou seja, da sua constituição e apresentação no corpo teórico do autor. Todavia, vale ressaltar a vastidão das concepções de poder na estrutura do pensamento foucaultiano, logo propomos nos ater as que foram abordadas na introdução dessa pesquisa, a saber, poder disciplinar e em especial o *biopoder*.

Na concepção foucaultiana o poder se mostra fragmentado e sempre é apresentado nos moldes de relações de poder, como o próprio filósofo sempre se propõem. Doravante, sempre que se remeter ao poder, será em consonância com o que propôs o autor. Nesse sentido, perdendo o status que anteriormente lhe era crível, de instância ontológica ou metafísica. Como propôs Deleuze em relação com o que pretendemos demonstrar

O poder é precisamente o elemento informal que passa entre as formas de saber, ou por baixo delas. Por isso ele é dito microfísico. Ele é força, e relação de força, não forma. E a concepção das relações de forças em Foucault, prolongando Nietzsche, é um dos pontos mais importantes de seu pensamento (DELEUZE, 2008 p. 112)

A partir do que foi exposto por Deleuze na passagem anterior, elucida-se que tanto Foucault como Nietzsche, pensam o poder como conflito, como relação de forças. Todavia, o

filósofo francês o eleva a um novo estatuto, utilizando-o para pensar o social e o político. Logo, todas as relações humanas, seriam essencialmente relações de forças, logo de poder<sup>13</sup>.

Todavia, vale ressaltar que a estruturação das relações de poder, não se dá de forma unilateral ou vertical como pode-se facilmente ser confundida. Quanto a isso, o próprio autor busca clarear a perspectiva que está a fundamentar:

[...] há esquemas prontos: quando se fala em poder as pessoas pensam imediatamente em uma estrutura política, em um governo, em uma classe social dominante, no senhor diante do escravo. Não é absolutamente o que penso quando falo das relações de poder. (FOUCAULT, 2006, p. 276).

Logo, após buscar demonstrar como o filósofo concebe o poder sempre como relações, buscamos expor que esse poder está nos alicerces do próprio estado e enraizado em toda a sua estrutura constituinte, dos aspectos micros aos macros, permeando, moldando e adequando as mais variadas instâncias. Como aponta Foucault

O que faz o poder se manter, que seja aceito, é simplesmente que não pesa somente como uma força que diz não, mas que, de fato, circula, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso; é preciso considera-lo mais como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social que como uma instância negativa que tem como função reprimir. (FOUCAULT, 1997, p.48).

O que o filósofo expõe na passagem anterior é a tentativa de depurar esse poder da carga negativa lhe foi cedida. Logo, o exercer de poder não é necessariamente dotado de características negativas ou nocivas, tanto quanto não é totalmente livre delas. Vale ressaltar que, majoritariamente o senso comum ou grande parte da história da filosofia pensou o poder como uma dominação e sublimação física ou bélica, em especial de seus adversários ou indivíduos que destoavam de sua concepção, em geral, ideológica.

Foucault, por outro lado, com as relações de poder, o eleva para um status interpretativo inteiramente novo. Com sua fragmentação e caráter plástico, o mesmo permeia com facilidade e em especial pelas relações sociais de modo micro, abarcando assim todas as instâncias. Como propôs Foucault

Sabe-se muito bem que o poder não é o mal! Considerem, por exemplo, as relações sexuais<sup>14</sup> ou amorosas: exercer poder sobre o outro, em uma espécie de jogo estratégico aberto, em que as coisas poderão se inverter, não é o mal: isto faz parte do amor, da paixão, do prazer sexual. (FOUCAULT, 2006, p. 284).

---

<sup>13</sup> A aproximação entre o pensamento de Nietzsche e o de Foucault, quanto a estrutura de concepção do poder, torna-se mais evidente nesse ponto, no que tange a sua concepção mais geral.

<sup>14</sup> Nesse sentido do poder, Foucault se aproxima ainda mais de Nietzsche. Pensando o corpo como receptáculo do poder-vontade para a filosofia nietzschiana e do poder-relação para a foucaultiana, ambos envolvem os corpos e as relações físicas dos mesmos não poderiam ser negligenciadas.

O que deve-se extrair da passagem anterior é a plasticidade do poder. Sua capacidade de adaptação as mais variadas instâncias. Ainda acerca da concepção do termo para o filósofo francês que agirá como facilitador na compreensão do restante desta pesquisa. Foucault, nos apresenta o caráter totalmente móvel de certas relações de poder e do modo como estas são mutáveis e adaptáveis, perpassadas pelas histórias e arranjos sociais. Como nos aponta Foucault

São, portanto, relações que se podem encontrar em diferentes níveis, sob diferentes formas; essas relações de poder são móveis, ou seja, podem se modificar, não são dadas de uma vez por todas. O fato, por exemplo, de eu ser mais velho e de que no início os senhores tenham ficado intimidados, pode se inverter durante a conversa, e serei eu quem poderá ficar intimidado diante de alguém, precisamente por ser ele mais jovem. Essas relações de poder são, portanto, móveis, reversíveis e instáveis. (FOUCAULT, 2006, p. 276).

A variedade de exposições anteriores, sempre dando voz ao próprio filósofo e sua assertivas, tiveram como intuito principal apresentar e clarear a concepção foucaultiana de poder, de modo a tornar mais confortável e produtivo o desenvolvimento deste ponto da pesquisa. Que agora propõem-se a discorrer sobre como esse poder se dá em certas instâncias, como o poder disciplinar, até culminar no *biopoder* descrito por Foucault.

## 2.1 O poder disciplinar

Após as considerações introdutórias acerca do modo como se constitui o poder no pensamento de Michel Foucault, buscamos adentrar e expor uma de suas variações dessa estrutura, a saber, como o poder disciplinar se apresenta no que o filósofo expõe como sociedade de controle<sup>15</sup>.

É importante ressaltar que nesse ponto da exposição, a variedade do poder a ser posta, a saber, o poder disciplinar, se dá com a tutela do estado ou de ferramentas de execução desse poder sobre os indivíduos e de como estes lidam com essa influência externa. Nas palavras de Foucault

[...] entre os jogos de poder e os estados de dominação, temos as tecnologias governamentais, dando a esse termo um sentido muito amplo – trata-se tanto da maneira como se quer governar sua mulher, seus filhos, quanto da maneira como se dirige uma instituição. A análise dessas técnicas é necessária, porque muito frequentemente é através desse tipo de técnicas que se estabelecem e se mantêm os estados de dominação. Em minha análise do poder, há esses três

---

<sup>15</sup> Termo que o filósofo se utiliza para narrar uma estrutura social em que a tutela do estado, se dá por meio de sublimação simbólica, ideológica ou física, com o auxílio de ferramentas estratégicas que favorecem o exercício de dominação social.

níveis: as relações estratégicas, as técnicas de governo e os estados de dominação. (FOUCAULT, 2006, p. 285)

Foucault busca denunciar a importância de se pensar esse tipo de poder de dominação que vem da influência estatal sobre as mais variadas posturas sociais. Todavia, não remetendo-se apenas ao estado, mas as mais variadas relações entre sujeitos. Pode-se extrair dessa percepção o comprometimento e a amplitude dos termos aplicados pelo filósofo, que pairam desde as mais pessoais as mais coletivamente postas.

Logo, dito isto, e acerca do que o filósofo entende por estado, que não se confunda com o estado hobbesiano nos moldes de seu *Leviatã*. Para o filósofo francês o estado não tem esse caráter uno e ditatorial colossal, como uma grande máquina que funciona como produtora de poder. Mesmo o estado que emana poder disciplinar, recai sobre a fragmentação das relações de poder, que são a peça-chave de toda a estrutura do poder foucaultiano. Como expõem Deleuze

As instituições não são fontes ou essências, e não têm essência nem interioridade. São práticas, mecanismos operatórios que não explicam o poder, já que supõem as relações e se contentam em “fixa-las” sob uma função reprodutora e não produtora. Não existe Estado, apenas uma estatização, e o mesmo é válido para os outros casos. [...] Em todo caso, o Estado, supõe as relações de poder, longe de ser a sua fonte. (DELEUZE, 1991, p. 83).

Logo, como anteriormente proposto, as relações de poder, em especial a imposição estatal, não se dão necessariamente de modo coercitivo e obrigatório, mas também de modo sutil e paulatino. Excluindo desse modelo, uma dominação hegemônica e completa, em detrimento a uma estratégica e tão abissal quanto as primeiras formas de concepções de tais circunstâncias.

Acerca dessa nova estrutura conceitual, no pensamento foucaultiano, existe uma distinção dentro da fragmentação. As ramificações do poder que visam uma dominação coletiva e as que visam uma dominação dos sujeitos. Vale ressaltar que apesar das aparentes proximidades entre ambas, o filósofo francês estabelece uma diferenciação entre estas.

Quanto ao aspecto fragmentário das relações de poder que envolvem o estado, corpo social e indivíduos. Mesmo, sendo difícil conceber esses sujeitos fora do estado ou do seio social. Michel Foucault introduz a noção de governamentalidade para tornar claro essa divisão interna acerca de suas premissas, próximas, mas não totalmente semelhantes. Nas palavras de Paulo Rodrigues dos Santos

As técnicas de governo reportam-se, efetivamente, mas não exclusivamente, à governamentalidade, integrando os dispositivos de poder. Temos aí dois grupos principais de técnicas de governo: as que têm por alvo principal a

população - as técnicas de governo - da segurança; e aquelas que têm por alvo principal os indivíduos, ou corpos individualizados - as técnicas disciplinares. (SANTOS, 2016, p.275)

A partir da passagem anterior, poder-se ter margem conceitual acerca da estrutura e dos modos que envolvem o poder disciplinar. Quanto a esse aspecto da postura de Foucault, é importante ter em vista que o filósofo não atribuiu culpa as instituições, estas por sua vez, não existem de modo em si ou indiferentes aos sujeitos, logo poder e indivíduos estão intrinsecamente ligados em micro relações mutáveis e adaptáveis. Logo, o poder disciplinador também surge como um mecanismo de coerção social, que espelha-se nas instituições que compõem o estado moderno. Como observou Muchail

Aparentemente cada uma das instituições disciplinares é destinada a uma função específica: as fábricas feitas para produzir, os hospitais, psiquiátricos ou não, para curar, as escolas para ensinar, as prisões para punir. (MUCHAIL, 2004, p.67)

A partir do que foi posto na citação anterior, percebe-se que nesse ponto a disciplina funciona como possibilitadora da sujeição dos indivíduos as instâncias estatais de correção e disciplina. Não sendo algo inteiramente novo, uma vez que o filósofo sempre se remete a estruturas sociais de punição que foram desenvolvidas pelos povos com o passar dos anos. As que se tem acesso ainda nos dias atuais, passaram por um processo de mutação e adaptação social, todavia ainda estão em vigência.

Portanto, a antiga coerção direta do soberano, surge agora mascarada em pequenas ferramentas que tem por objetivo a adequação dos sujeitos sociais as necessidades vivenciadas pelo estado. Nesses moldes, se dá o que o Foucault entende por poder disciplinar, que se dá majoritariamente pela sujeição dos corpos. Segundo Foucault

Este investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à sua utilização econômica; é, numa boa proporção, como força de produção que o corpo é investido por relações de poder e de dominação; mas em compensação sua instituição como força de trabalho só é possível se ele estiver preso num sistema de sujeição (...) o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso<sup>16</sup>. (FOUCAULT, 1987, p.28).

Em linhas gerais, pode-se conceber a ideia do filósofo sobre os objetivos das instituições do estado quanto aos sujeitos. A educação coercitiva através do poder disciplinar,

---

<sup>16</sup> Aqui nos remetemos ao que foi posto no tópico acerca da vontade de poder em Nietzsche. A sujeição dos indivíduos ao poder disciplinador, nesse contexto se assemelha ao indivíduo que recai na moral gregária por não exercer sua vontade. A moral gregária, agora nos moldes da disciplina do estado, que visa educar os indivíduos para serem igualmente controláveis. Logo, uma equivalência conceitual parece surgir a partir de um exame mais atento.

tem como um de seus panos de fundo, questões econômicas. Todavia, não restringindo-se somente a essas, possuindo uma raiz mais profunda e significativa. Logo, a partir do que foi posto anteriormente, pode-se perceber parcialmente as ferramentas de introjeção do poder disciplinar na vida dos indivíduos. Desse ponto que partiremos a forma de dominação mais efetiva e visceral do estado. O poder sobre a vida e a morte dos indivíduos, a saber, *biopoder*.

## 2.2 O *biopoder*

O *biopoder* surge na esteira do pensamento foucaultiano fruto de uma análise histórica da relação sujeito e estado. Pensando as raízes de antigas relações que se davam entre súditos e soberanos, onde existia uma primazia e controle do segundo perante o primeiro. Incluindo o poder sobre a vida e a morte de seus súditos. Será a partir dessa análise que o filósofo irá discorrer acerca da relação vida e política.

Na esfera do controle, Foucault busca demonstrar como a vida se tornou um acontecimento da política, a primeira sendo absorvida pela segunda e por ela domada. Podendo domesticá-la ou ceifá-la de acordo com suas necessidades e interesses. Para Foucault: “Concretamente, esse poder sobre a vida desenvolveu-se a partir do século XVII”. (FOUCAULT, 1999, p.102)

Esse período em particular marca a junção definitiva entre estado e vida. A partir desse ponto, o estado toma decisões extremamente privadas sobre a vida dos indivíduos e nesses moldes nasce o que o filósofo entende por *biopoder*. Que desse ponto, alastrou-se e perpetuou-se ao longo da história, até a contemporaneidade que foi vivenciada pelo filósofo.

Esse poder sobre a vida e a morte se apresentava com caráter alarmante, pois era o golpe final nas liberdades individuais e a ferramenta máxima de controle dos sujeitos em sociedade. O poder efetivamente de morte, que era pertencente ao soberano, passa sua tutela ao estado, gestando a vida dos indivíduos, de modo mais sutil e controlado. Logo, poder disciplinar pode ser entendido como um desdobramento ou ferramenta estatal do *biopoder* que é entendido pelo filósofo como: “conjunto de mecanismos, pelos quais aquilo que, na espécie humana, constitui suas características biológicas fundamentais, vai entrar na política como uma estratégia geral de poder.” (FOUCAULT. 2008.p.4).

Logo, uma ferramenta de gestão da vida coletiva dos indivíduos surge como caso particular do poder sobre a vida, Foucault irá chamar de *biopolítica*. Pensada para controlar aspectos macro dos grupos de sujeitos a que se aplica, como contingente populacional,

natalidade, aborto e afins. Se conectando a vida dos indivíduos de modo a parecerem indissociáveis na contemporaneidade. Como descrito por Roberto Machado

[...]”biopolítica da população, que age sobre a espécie humana, sobre o corpo como espécie, com o objetivo de assegurar sua existência. Questões como as do nascimento e da mortalidade, do nível de vida e da duração da vida estão ligadas não apenas a um poder disciplinar, mas a um tipo de poder que se exerce no âmbito da espécie, da população, com o objetivo de gerir a vida do corpo social[...] (MACHADO. 2015, p.178)

A partir da passagem anterior, percebe-se a aplicação que o filósofo da concepção da relação entre poder disciplinar e biopoder, associação interpretativa que propomos anteriormente. Desse modo se delinea a estrutura de pensamento foucaultiana, de como seu projeto filosófico possui desdobramento precisos e amparados por processos históricos que visam expor seu alargamento e seu alcance.

Vale ressaltar que a relação supramencionada entre poder disciplinar e *biopoder* não seja meramente compreendida como de semelhança ou de vaga proximidade, mas de ferramentas que atuam conjuntamente visando um objetivo em comum e tendo como pano de fundo a sociedade disciplinar que foi pensada pelo filósofo. Nas palavras de Foucault

Ora, durante a segunda metade do século XVIII, eu creio que se vê aparecer algo de novo, que é outra tecnologia de poder, não disciplinar dessa feita. Uma tecnologia de poder que não exclui a primeira, que não exclui a técnica disciplinar, mas que a embute, que a integra, que a modifica parcialmente e que, sobretudo, vai utilizá-la implantando-se de certo modo dela, e incrustando-se efetivamente graças a essa técnica disciplinar prévia. Essa técnica não suprime a técnica disciplinar simplesmente porque é de outro nível, está em outra escala, tem outra superfície de suporte e é auxiliada por instrumentos totalmente diferentes. (FOUCAULT. 2000, p. 288-289).

Michel Foucault, desse modo, nos expõem como as ferramentas estatais de controle, paulatinamente foram evoluindo, gerindo e gestando nosso contexto social até desaguar na contemporaneidade vivenciada por nós. Nesses moldes, o filósofo ainda nos apresenta a tecnologia e a própria infraestrutura social das instituições como ferramentas de monitoramento e controle dos sujeitos.

O que o filósofo busca explicitar são as ferramentas de controle e adestramento do corpo e da vida dos sujeitos, ou seja, da nossa própria existência enquanto membros de um corpo social. Assim como Nietzsche denuncia a moral gregária como adestramento dos sujeitos, Foucault nos apresenta os mecanismos de controle de modo mais prático e palpável.

Em uma realidade que estamos imersos e com um explicitar de termos que são socialmente quase imperceptíveis a olhares menos atentos. Essa é a grande contribuição do pensamento de Michel Foucault para a contemporaneidade. Possuindo uma ressonância direta

e grande influência no modelo de sociedade contemporâneo que se apresenta ao nosso olhar. Havendo um resgate de aspectos do pensamento nietzschiano e a criação de um horizonte conceitual extremamente fértil e inteiramente novo para a filosofia.

### **3 Considerações finais**

O intuito principal dessa pesquisa, se deu de modo dual e não hierárquico, inicialmente propomos demonstrar a questão do poder no horizonte interpretativo da filosofia de Friedrich Nietzsche. Buscando explicitar o modo como o filósofo discorreu sobre essa problemática. Apresentamos de modo pontual e panorâmico a concepção nietzschiana de *vontade de poder*, tendo como pano de fundo a influência do pensador alemão sobre o francês e suas aproximações teóricas. Sempre buscando um direcionamento impessoal quanto ao conteúdo proposto.

Dito isto, passamos para as concepções de Foucault acerca da problemática do poder. Buscando expor em um primeiro momento, o modo particular de conceber as relações de poder, sob a ótica foucaultiana. Em seguida expomos algumas das fragmentações teóricas que o filósofo se utiliza para desenvolver e fundamentar tais questões, a saber, os constituintes teóricos do poder disciplinar e como ponto alto as proposições acerca do *biopoder*.

Certamente pairamos e discorremos acerca de questões gerais e de modo introdutório. Entretanto, elas possuem uma raiz profunda e complexa que merece ser melhor aprofundada. Mas, que não caberiam a uma pesquisa dessa natureza. Elegemos um fator de aproximação entre dois filósofos distintos, mas que, todavia, possuem muito em comum, esta sendo apenas uma das possíveis investidas conceituais de correlação entre ambos.

Nossa intenção é que ao final dessa pesquisa, a relação de continuidade entre o pensamento de Friedrich Nietzsche e Michel Foucault, esteja devidamente posto e de modo claro e coerente. E que ao final da exposição, o leitor possa fazer correlações de perspectivas.

Essa pesquisa não teve por intuito conceitual esgotar as problemáticas oriundas da concepção filosófica de poder, muito menos da aproximação entre Nietzsche e Foucault. Logo, escolhemos um horizonte interpretativo que tiveram por intuito corroborar com o que já vem sendo produzido acerca dessa temática e colaborar com os horizontes interpretativos de produção teórica.

### **Referências bibliográficas**

BARRENECHEA, Miguel. *Nietzsche e o corpo*. 2ª ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Ed. 34, 2008.

\_\_\_\_\_. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: MOTTA, Manoel Barros da. *Foucault: ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro:Forense, 2006, p. 264-287.

\_\_\_\_\_. *Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978)*. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

\_\_\_\_\_. *Em Defesa da Sociedade*. Trad. De Maria E. Galvão. SP: Martins Fontes, 2000, p. 288-289.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. Org. Trad. Roberto Machado-Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1997

\_\_\_\_\_. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*; Trad. Raquel Ramallete- Petrópolis, Vozes, 1987.

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1999.

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade II: O uso dos prazeres*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1998.

MACHADO, Roberto. *Nietzsche e a Verdade*. São Paulo: Editora Graal, 1999.

\_\_\_\_\_. *Foucault, a ciência e o saber*. Rio de Janeiro: Editora Graal, 2015.

MUCHAIL, Salma Tannus. *Foucault, Simplesmente*. Edições Loyola, p.67.2004

NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. *Genealogia da Moral*. 8ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. *Assim falou Zaratustra: Um livro para todos e para ninguém*. 1ª. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SANTOS, P.R. A concepção de poder em Michel Foucault. In: *Especiaria- Cadernos de ciências humanas*. v. 16, n. 28, jan./jun. 2016, p. 261-280.